

Midiatização da sociedade: sócio-técnica e ambiência

Ana Cássia Pandolfo FLORES*
Eugenia Mariano da Rocha BARICHELLO**

Resumo

O artigo aborda o fenômeno da midiatização da sociedade e objetiva evidenciar a interação entre sociedade e técnica presente no contexto da ambiência midiatizada. A abordagem procura evitar um enfoque de determinismo tecnológico e entender a tecnologia como um fator que modifica os processos e ambientes sociais e potencializa novas formas de atuação social.

Palavras-chave: Midiatização. Ambiência midiatizada.

Abstract

This paper studies mediatization phenomenon of society and aims to evidence the interaction between society and technique in the context of the mediatized ambience. This text looks for to avoid an approach of technological determinism and to understand the technology as a factor that modifies processes and social environments and it increases the potential of new social performance forms.

Key-words: Mediatization. Mediatized ambience.

Introdução

O espaço central que a mídia ocupa na ordem social juntamente com as mudanças tecnológicas e culturais da contemporaneidade são fatores que estruturam o surgimento do fenômeno da midiatização, no qual a organização da sociedade fica imersa em um contexto em que são utilizadas algumas lógicas que anteriormente pertenciam apenas ao setor ou campo da mídia. Este processo vem a reboque de importantes transformações culturais e comunicacionais ligadas ao acelerado desenvolvimento tecnológico da contemporaneidade.

O presente artigo objetiva discutir o fenômeno da midiatização da sociedade atentando para o papel da tecnologia nesse processo. A tecnologia é tomada não apenas como instrumento, mas como fator modificador dos processos e ambientes sociais, bem como potencializador de novas formas de atuação, fatores que nos possibilitam refletir a

* Mestranda em Comunicação Midiática/UFSM. Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Relações Públicas/UFSM. anacassia84@hotmail.com.

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática/UFSM. Doutora em Comunicação/UFRJ. Coordenadora do grupo de pesquisa em Comunicação Institucional e Organizacional (CNPq). eugeniabarichello@gmail.com.

respeito de noções como sócio-técnica e ambiência midiaticizada. Tal abordagem visa contribuir para o entendimento dos imbricamentos que possibilitam que a tecnologia se insira como fator modificador do social, já que a idéia de sócio-técnica é recorrente na literatura sobre midiaticização, como nos trabalhos de Sodré e Fausto Neto, sem muitas vezes ser desmembrada. Objetivamos assim, compreender a tecnologia implicada no fazer humano e na cultura como elemento ampliador e qualificador de possibilidades de agir e de percepção do ser humano.

Para tanto, desenvolvemos aqui um breve panorama teórico estruturado de forma a pensar a tecnologia e suas relações com a comunicação e a cultura como base para o entendimento da midiaticização da sociedade. Para demonstrar a afetação da tecnologia nos processos sociais, a idéia de sócio-técnica é apresentada a partir de uma mútua afetação entre as possibilidades tecnológicas e o fazer humano. No que diz respeito à ambiência midiaticizada abordamos o processo de midiaticização e a cibercultura como processos sociais.

A pesquisa bibliográfica se estrutura nas idéias de midiaticização apresentadas por Sodré (2002) e Fausto Neto (2006) que pensam esse processo como a emergência de uma nova ambiência existencial, na qual as lógicas de mídia atravessam a ordem social e afetam, juntamente com a tecnologia, as formas de ser e de perceber o real. A abordagem comunicacional apresentada por Peruzzolo (2006) é tomada com o intuito de compreender o caráter antropológico da tecnologia como uma forma de resposta culturalmente estabelecida às necessidades do homem. Por fim, lançamos mão das considerações trazidas por Lemos (2004) para explicitar como a sócio-técnica pode ser entendida no atual contexto cibercultural.

Comunicação, tecnologia e cultura: imbricamentos e novas possibilidades

Cada espécie interpreta e age no mundo a sua volta com base em suas capacidades perceptivas. Nós montamos o mundo em cima das percepções que temos. A partir do que estimula a nossa capacidade sensorial enquanto seres humanos, conhecemos o mundo que está a nossa volta e construímos a realidade social e simbólica em que vivemos. Nessa capacidade perceptiva, que encerra a nossa busca pela sobrevivência e pelo desenvolvimento da vida, partimos também na busca pelo outro, objetivando sanar as nossas necessidades e tornar possível a nossa realização.

Peruzzolo (2006) entende a comunicação como sendo essa iniciativa de busca pelo outro para benefício próprio, organizando-se na forma de uma relação e dando-se através de uma matéria significante, com a percepção dos indivíduos envolvidos. Sob esse ponto de vista, a comunicação está na base da nossa existência, estando imbricada diretamente em todos os processos sociais de maneira que se constitui em fenômeno cultural da sociedade tendo participação direta nos modos de ser e de agir dos indivíduos e na configuração do social.

Já que são mutuamente constitutivas uma das outras, inúmeras são as modificações por que passam a comunicação, a cultura e a própria sociedade ao longo da história. Dentro desse panorama, o indivíduo, pela sua faculdade simbólica, vai buscando novas possibilidades de atuação, procurando novas formas de responder as suas necessidades e para isso vai criando tecnologias que possibilitam a execução de

tarefas antes consideradas impossíveis. O desenvolvimento tecnológico é alavancado como possibilidade de respostas mais amplas às necessidades do outro e de devir do indivíduo.

A tecnologia se insere como um propulsor de novas formas de relacionamento do indivíduo com o mundo que ele percebe. E isso se traduz no desenvolvimento das mais variadas ferramentas tecnológicas e também resulta em novos processos de comunicação social, que conseqüentemente se configuram como novos estruturantes da vida em sociedade. Com a evolução da técnica, a cada nova mudança nas possibilidades e modalidades comunicacionais, ocorre também uma mudança nos modelos culturais, na organização da sociedade e na própria vida cotidiana dos indivíduos.

Esse trajeto do desenvolvimento da tecnologia é muito mais que uma sucessão de inventos e determinismos técnicos, mas é resultado do desenvolvimento das capacidades do homem que a cada avanço escancara diante de si um novo mundo de possibilidades. “Bem mais que simplesmente um produto, uma tecnologia provem do conhecimento científico e logo passa a fazer parte da cultura, impregnando o imaginário social pelo qual dada cultura se explicita” (POLISTCHUCK e TRINTA, 2003, p.34).

A idéia de uma sócio-técnica deriva da mútua afetação entre as possibilidades tecnológicas e o fazer social. A cada nova tecnologia que se instaura na sociedade estão embutidas novas possibilidades de sentido e de controle do natural e do social pelo homem. E cada vez que o uso de uma tecnologia é incorporado na atividade humana tende a ser um uso socializado. O uso de uma tecnologia é reflexo do momento histórico, cultural e social no qual ela surgiu e foi adotada da mesma forma que, a partir de seu uso, essa mesma tecnologia modifica a cultura e a organização social.

Na contemporaneidade, o elevado nível de crescimento da tecnologia impulsiona juntamente com outros fenômenos sociais e culturais uma aceleração das formas de vida. É notável também um tratamento mais superficial e veloz dado às questões-chave da sociedade e às relações sociais, como se tudo acontecesse numa atmosfera de agitação e fluidez materializada nos constantes e instantâneos estímulos visuais e sonoros aos quais os indivíduos são submetidos cotidianamente.

Esse contexto tecnológico traz consigo uma nova visão de mundo que remete à produção discursiva da sociedade. Cada tecnologia é um elemento estruturador dos significados aceitos na ordem social, tomados como característicos de sua própria cultura. A tecnologia também passa a integrar o imaginário e juntamente com as novas proposições sociais de códigos de comunicação e conduta cria novas linguagens.

Nesse sentido, a cultura aparece como fator imprescindível para o entendimento do processo de mudança trazido pelas inovações tecnológicas. Seguindo o modelo cultural proposto por Audet e abordado por Peruzzolo (2006), tem-se que toda a resposta aos anseios do homem, que se torna consagrada na sociedade, é depositária de valor simbólico e passa a integrar o quadro cultural previamente existente não como um simples objeto, mas como um sistema de relação e de sentido.

Dentro dessa proposta de modelo cultural, as relações que se estabelecem como privilegiadas, atingem esse status ao passarem por um processo de institucionalização de quatro estágios. O primeiro é o da percepção da alteridade, do outro, segundo as potencialidades biológicas do ser e de forma a ser resposta para as suas necessidades e

anseios. No homem, a percepção já está presa à representação e vem atrelada ao sistema cultural.

O segundo estágio é o da representação do dado percebido e que torna possível a relação por qualificar, definir os modos e materializar tal dado num suporte, o que se constituirá em uma mensagem. No nível da representação, a natureza humana se diferencia da natureza animal no seu modo de agir devido sua capacidade simbólica.

Já no terceiro estágio ocorre a relação que se estabelece em vista das representações investidas nos limites do símbolo. Ao perceber um objeto, o homem se representa nele. Como toda a percepção é movida por um desejo, que primordialmente se manifesta pelo impulso da conservação de si e da espécie, a relação daí advinda depende da representação que o sujeito faz do objeto. “Então, em todo o fenômeno cultural, há sempre uma percepção, depois uma representação, da qual nasce uma relação, e que a subentende, que será adaptada aos sistemas de cultura integrada” (ibid, p.149).

E por fim, o último estágio é o do ajustamento da relação. Quando uma relação estabelecida é agradável e gera satisfação dos envolvidos, ela tende a ser fixada na forma de uso, hábito ou costume. Com a fixação fica garantida a continuidade dessa experiência que se organiza enquanto forma de ação e comportamento adequado e eficaz. O estabelecimento de um uso ou costume se dá através da mediação da linguagem e da preservação da memória e faz com que a experiência tenha continuidade temporal e uso social.

Então, as relações ao passarem pelo ordenamento e ajustamento são estabilizadas e constituem o modelo cultural. Pelo processo de ajustamento as relações passam a ordenar as condutas posteriores se apresentando como fator ativo na organização cultural e social dos agrupamentos humanos.

A comunicação e a técnica também se imbricam no modelo cultural de forma a possibilitar e afetar os modos de pensar do homem e de organização da sociedade. A condição filogenética do homem explica esse imbricamento na medida em que é a criação técnica e a capacidade de projeto que proporcionam a abertura do ser humano à cultura e à linguagem, da mesma forma que os órgãos sensoriais abrem o ser vivo para a percepção do mundo.

Os meios de comunicação, tomados aqui como novas possibilidades de atuação do homem, com suas lógicas de funcionamento, suas possibilidades de uso e significados, apresentam-se como moduladores das formas de vida e de visão de mundo. Podemos falar assim do caráter inseparável da tecnologia e da linguagem que são tanto formas de expressão como dinâmicas de transformação e ação humana sobre o mundo. Tal pensamento, quando aplicado aos meios de comunicação e às maneiras e tecnologias de comunicação assumidas e institucionalizadas em cada época, não só impõe gramáticas de construção de mensagens como também configura a sua codificação e as percepções de mundo.

A sociedade que tem sua estrutura e dinâmica calcada na compreensão espacial e temporal, que não só institui, como faz funcionar um novo tipo de real, e cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem, através de laços sociais, mas de ligações sócio-técnicas (FAUSTO NETO, 2006, p.03).

Sendo assim, o indivíduo, constituído pela cultura, constrói seu próprio habitat a partir do estabelecimento de costumes, padrões de conduta e da produção, acumulação e partilha social de experiências. Essa ambiência criada pelo homem é feita de objetos partilhados e sentidos produzidos pela sua capacidade simbólica que, nesse contexto, faz da tecnologia um processo social.

O entendimento do conceito de cultura ainda demanda a consideração do seu caráter social e histórico. A cultura é a ação criadora do homem como forma de expressão, realização e de busca intencional pelo outro. “Por isso, a cultura exprime o processo histórico de relacionamento do homem com o real, enquanto exprime a sua realização no tempo e no espaço” (PERUZZOLO, 2006, p.168).

Tendo em vista todo esse complexo de relações entre tecnologia, sociedade, cultura e comunicação se torna possível um entendimento mais abrangente sobre as mudanças sociais que vivemos na contemporaneidade. A preocupação em compreender, nem que seja de forma rápida, o imbricamento dos fatores que dão origem à cultura e a sociedade contemporânea objetiva o distanciamento das abordagens tecnologicamente deterministas e é uma tentativa de dar conta da complexidade dos fenômenos atuais.

Midiatização e cibercultura: ambiência e processos sociais

Quando nos deparamos com as redes virtuais, com as possibilidades interativas, com a velocidade e o alcance da internet não é difícil percebermos como as mudanças na comunicação se traduzem rapidamente em mudanças culturais e sociais. O imbricamento dessas novas tecnologias no tempo atual é tão significativo que a própria técnica passa a ser um fator estruturador da cultura e do espaço social.

Contudo, é necessário atentar para o fato que o valor da tecnologia não reside nos aparatos tecnológicos, mas na relação que o fazer humano cria com as coisas e objetos. A tecnologização que acompanhamos atualmente é um conceito simbólico que diz respeito aos valores, à moral e à cultura e também se relaciona de forma prática com o fazer do homem no mundo ao tornar possível a globalização dos sistemas produtivos, dos mercados e do consumo. Dependendo da relação que se tem com ela, a tecnologia pode ser força-motriz essencial para o funcionamento da lógica capitalista garantindo o domínio político da cultura. Ou também, a tecnologia pode ser encarada na relação com quem não tem acesso a ela, configurando-se num elemento de agravamento de desigualdades e submissão.

O entendimento mais amplo da tecnologia não está na pura preocupação nos seus formatos e conteúdos, mas nas suas formas de funcionamento, constituição e, principalmente, na sua relação com a dinâmica dos fenômenos socioculturais. Os avanços tecnológicos dos últimos tempos trouxeram modificações profundas na sociedade. Depois de séculos sob a hegemonia da palavra escrita que esteve na base da cultura ocidental, observamos, a partir do surgimento da fotografia e depois com o cinema e a televisão, a instauração da era das imagens. O imagético se constitui como o novo código predominante sobre o qual a realidade é apreendida, evidenciando a lenta perda de hegemonia do código da escrita e o surgimento de uma nova concepção de mundo.

Com o advento das tecnologias virtuais e das redes de computadores, teve o início da chamada cibercultura, “arranjo material, simbólico e imaginário contemporâneo” (TRIVINHO, 2007, p.3), que devido à rapidez, ao grande volume de informação e às modificações na relação espaço/tempo trazidas pela internet alteram as relações sociais e a própria comunicação.

Falar de cultura virtual significa falar de novos modos de sociabilização: conversa sem pessoa, contatos abstratos, encontros sem corpos. Não se trata do face a face, mas de uma presença virtual, o que não significa que seja menos real. Seguramente essa presença virtual permite e realiza quadros interativos, em que a idéia de presença do outro define emoções e sentimentos de junção humana (PERUZZOLO, 2006, p.331).

Tais modificações não surgem na sociedade como mero determinismo tecnológico, mas se estabelecem enquanto parte de um modelo cultural. Retomando as considerações de Peruzzolo, temos que essa nova cultura marcada pela tecnologia, pelo virtual e pelo midiático apenas se estabelece na sociedade por se constituir em resposta às necessidades e anseios dos indivíduos e que, por isso, acabam sendo fixadas como formas privilegiadas de relação. Assim, o tecnológico, o virtual e o midiático passam a integrar o sistema simbólico e o panorama cultural já existentes na sociedade, se apresentando como um novo modo de relação e de sentido.

Além da tecnologia, outro fator decisivo para que a ordem social e o modelo cultural contemporâneo tenham atingido as feições atuais diz respeito à localização da mídia no centro da sociedade e à expansão de suas lógicas para os demais campos sociais, processo a que chamamos de midiaticização. Podemos dizer que a midiaticização é um processo relacional, que resulta do encontro de variados fatores e, ao mesmo tempo, interfere nesses elementos e realidades que lhe originaram de maneira a configurá-los segundo lógicas de mídia. Esse conjunto complexo de fatores acaba por dar origem a um novo ambiente existencial caracterizado por novas formas de cultura, atuação e percepção da realidade.

Nesse sentido, as diferentes esferas da experiência humana se inserem dentro desse novo ambiente existencial. Os campos sociais, “esferas de legitimidade que impõem com autoridade indiscutível atos de linguagem, discursos e práticas conformes, dentro de um domínio específico de competência” (RODRIGUES 1990, p.144) são afetados por lógicas de mídia ao ponto de midiaticizarem a sua atuação e se apropriarem de mecanismos e gramáticas que antes eram específicos dos meios de comunicação. Assim, os campos não podem mais ser considerados como autônomos e fechados, mas como possuidores de fronteiras porosas que permitem a afetação entre eles. Nesse contexto, a mídia transpassa os demais campos e afeta as suas lógicas já legitimadas e aceitas. Tal fato origina o que se chama de *bios* ou ambiência midiaticizada.

Num movimento de abertura e abarcamento, a mídia passa a ser um núcleo que expõe suas formas de funcionamento e expande as suas lógicas para os demais campos. Os mecanismos e regras próprios do fazer midiático não ficam mais restritos aos meios de comunicação, mas configuram a atuação de outros atores sociais. Dessa forma, a

mediatização pode ser considerada como prática social, pois reconfigura a atuação dos demais campos sociais.

Braga (2006) aborda a mediatização sob dois aspectos: o primeiro abarca processos sociais específicos que passam a se desencadear segundo lógicas das mídias, como acontece com o campo religioso, enquanto o segundo representa o processo de mediatização da própria sociedade. O autor considera a mediatização como processo de interação que caminha para o lugar de referência na sociedade, porém não sendo ainda um processo estabelecido ou terminado, mas em implantação.

Dessa forma, um processo interacional de referência é constituído como uma perspectiva de organização da sociedade estabelecendo-se como um dos principais direcionadores na construção da realidade social. Nessa lógica, a construção social da realidade é moldada pelas processualidades interacionais utilizadas pelos indivíduos e setores da ordem social. A realidade é produzida pela sociedade através das interações sociais, do mesmo modo que essas interações também são moldadas pela sociedade a partir das expectativas geradas pelas construções sociais já existentes anteriormente. Com essa abordagem, Braga defende que, enquanto processo interacional de referência, a mediatização está numa situação de transição que caminha para a condição preferencial, pois apresenta características que correspondem às demandas de processos sociais anteriores e, ao mesmo tempo, evidencia lógicas próprias.

Ao construir a realidade, essas maneiras de interação atravessadas pelas lógicas midiáticas vão acarretar a organização de um ambiente igualmente mediatizado, um novo *bios* ou uma nova ambiência. Como ainda não se constitui em um processo interacional de referência, a ação condicionante da mediatização se dá não pela imposição, mas pela hibridização com as formas vigentes no histórico real.

Os processos de interação e de construção social passam a ter como principal responsável a mídia, que por sua vez, possibilita a modificação do sentido espacial e temporal dando origem a novos ambientes sociais. Assim, a mediatização é entendida por Sodré (2002) como um novo *bios* onde se sobressai a lógica do mercado e uma nova qualificação cultural, a tecnocultura. Na nova ambiência, os conteúdos possuem fins mercadológicos que contribuem para a manutenção da ordem econômica vigente.

A abordagem do fenômeno da mediatização como uma nova ambiência ressalta a porosidade das instâncias sociais que nesse novo *bios* passam a ter suas ações cotidianas atravessadas pela mídia. Pode-se vislumbrar assim a condição sócio-técnica da mediatização, que se estabelece como uma nova configuração de práticas e ambientes sociais possível pela relação entre o fazer humano e o desenvolvimento dos meios tecnológicos de informação e comunicação.

Contudo, Sodré (2002) ainda ressalta que o midiático, enquanto categoria particular da forma espetáculo, não está necessariamente atrelado aos suportes tecnológicos podendo extrapolar para outras esferas da realidade. Essa extrapolação do midiático se faz pelo fato do próprio princípio de comunicar passar a ser formatado pelas características midiáticas o que garante que essa nova forma de ser torne-se realmente uma prática corrente no cotidiano social contemporâneo.

A visão da mediatização como uma nova ambiência vai além das concepções funcionais e instrumentais que enxergam a mídia apenas como uma ferramenta operacional. O consistente desenvolvimento tecnológico, a passagem da linearidade da

comunicação para a descontinuidade e para a fragmentação, a porosidade das fronteiras e a afetação da mídia nos demais campos sociais configuram a ordem social de forma a mediatizar a própria sociedade. Tal formatação social não cabe mais conceitualmente na abordagem da mídia como um instrumento, por isso trabalha-se aqui com a idéia de ambiência.

Na ambiência midiática fica evidente o investimento de valor feito não nos aparatos tecnológicos, mas na relação que se tem com eles. A comunicação, como uma relação entre dois comunicantes que para acontecer necessita de um meio material que se organize em mensagem, ao adotar as novas tecnologias e as lógicas midiáticas de forma tão decisiva dá a entender que essas mudanças são respostas satisfatórias aos anseios e necessidades do homem contemporâneo.

A mensagem formada pela relação de comunicação é a materialização das representações do indivíduo em relação à necessidade percebida, em relação ao outro que ele pretende capturar com sua mensagem e em relação ao mundo a sua volta. Dessa maneira, as formas de comunicar midiática ou cibercultural, ao se estabelecerem como formas de relação altamente recorrentes na ordem social evidenciam modificações nas sociabilidades, nas percepções e visões de mundo. A comunicação midiática e virtual não é resultado de novos instrumentos técnicos, mas reflexo de uma nova ambiência.

Realidade e sociedade são configuradas por meio de novos mecanismos de produção de sentido tendo nas estruturas de conexões, uma nova forma de vínculo social. Fenômenos que indicam a transformação da sociedade do ato social nas operações de contato, segundo Fausto Neto (2006, p. 04), “estamos diante de uma nova forma de organização e produção social, onde o capital já não estaria mais apenas a serviço das estruturas, mas dos fluxos e das informações”.

Ainda na visão de Fausto Neto, o processo de mediatização realiza-se de forma transversal e relacional. A transversalidade se dá pelo fato da mediatização não ter influência restrita à mídia, mas atingir às demais instituições e aos seus usuários, num processo de afetação. Essa afetação se dá de forma relacional, pois os campos são atravessados pela mediatização e da mesma forma atravessam o campo da mídia. Dessa maneira, os efeitos gerados por esses atravessamentos também são relacionais. Esses movimentos recíprocos de afetação dão margem a uma complexificação da ordem social.

Nesse contexto, a internet figura na atualidade como uma nova ambiência constituída pelo fluxo tecnocultural atrelado ao suporte tecnológico dos computadores e das redes informáticas. Para Castells (2004), a internet é a base de uma nova sociedade, a qual ele denomina sociedade em rede, apresentando-se como meio de comunicação, interação e organização social que processa o virtual de maneira a torná-lo a realidade em que vivemos.

A tecnologia digital e as redes telemáticas tornaram possível novas formas de produção, circulação e reprodução da informação e de bens de consumo com muito mais agilidade, alcance, rapidez e qualidade. A hierarquia do sistema de circulação passa a se organizar, cada vez mais como uma rede em que todos podem enviar e receber mensagem de todos. A ação não necessariamente segue princípios de linearidade, mas conta com possibilidades de desvios e conexões nas quais os receptores

podem exercer posturas exploradoras e até criadoras que vão além da postura de receptores proposta por outros modelos comunicacionais.

Num contexto midiaticizado e de cibercultura no qual a fluidez, a conexão, a rede e a não-linearidade são características marcantes, emergem novas formas de atuação e de percepção da realidade com a afetação das lógicas dos diferentes campos e com os avanços tecnológicos. Entendemos que o mais marcante disso tudo são as novas possibilidades de interação e de vínculo social advindas desse cenário. Essas novas maneiras de interação não ficam restritas a conceituações ou a determinados momentos, mas se traduzem no cotidiano e acabam por modificar o agir e o pensar de sujeitos e de instituições.

Lemos (2004) faz considerações importantes sobre o novo contexto sócio-técnico. A partir do raciocínio de Maffesoli, o autor afirma que o que marca a sociedade contemporânea é a socialidade, em oposição à sociabilidade por ser uma ação de relação social focada estritamente no presente, sem projeções morais e de futuro. A socialidade diz respeito às relações banais do cotidiano, aos eventos de interação social desvinculados de instituições. Conforme Maffesoli, a socialidade é um conjunto de práticas cotidianas que não podem ser subordinadas ao controle social. Tais práticas como hedonismo, tribalismo e presenteísmo são o substrato da vida social de qualquer sociedade independente do nível tecnológico.

Dessa maneira, a socialidade se organiza na forma de uma variedade infinita de papéis que podem ser assumidos pelo sujeito no seu fazer cotidiano sem maiores vínculos estáveis de pertença e identidade. Isso porque a ênfase das relações sociais contemporâneas é toda voltada para o presente, pois se o futuro e a continuidade não forem considerados não seriam mais necessários esforços para manter laços fortes e duradouros.

Lemos traz diversos conceitos que considera como estruturadores das socialidades atuais e que nos ajudam a entender como se organizam as lógicas e as novas práticas sociais na sociedade midiaticizada e no ciberespaço. Um dos pontos trazidos é análise formista da sociedade. Para essa concepção o formato social também é elemento constituinte do seu conteúdo. Ao mesmo tempo em que a forma dá suporte ao social, ela também o limita. As formas sociais ficam cristalizadas nas suas instituições, objetos técnicos e no seu imaginário simbólico. Na esfera cibercultural, é na organização em uma rede telemática planetária que o vitalismo da vida social acontece.

Outro conceito desenvolvido por Lemos, como relevante no entendimento das socialidades, é o de tribalismo. No tribalismo, o fator de aproximação dos indivíduos é simplesmente a necessidade de se estar junto e o compartilhamento de emoções. Assim, há uma valorização do sentimento, da taticidade e da empatia sem nenhuma outra motivação ou finalidade maior para o agrupamento. Essa socialidade tribal é regida por uma ética estética em detrimento de uma moral universal.

No que tange ao ambiente midiaticizado e ciberespacial podemos notar a tecnologia como propulsora da aproximação dos sujeitos e do compartilhamento de informações, sentimentos e de relações sociais. O ciberespaço não se constitui apenas num ambiente tecnológico e de novas possibilidades técnicas racionalizantes e individualizantes, mas como uma rede social complexa com todas as características anteriormente abordadas e que caracterizam as socialidades atuais. As comunidades virtuais são exemplos de

relações sociais efêmeras, orgânicas e simbólicas com ênfase no presente, no tribalismo e na ética da estética.

Tal panorama corrobora as afirmações de Sodré (2002) que consideram a mídia uma nova qualificação da vida. Como uma nova ambiência, a mídia encena uma nova ordem moral objetiva em consentimento com o conjunto de mudanças cognitivas e morais necessárias à lógica do consumo.

Considerações pontuais

Atentar para a relação entre tecnologia e midiatização da sociedade não deve traduzir-se em uma perspectiva de determinismo tecnológico. Ao pensarmos na midiatização da sociedade, na cibercultura e nas novas tecnologias de informação estamos tentados a fixar o nosso olhar nas características técnicas dos aparatos e deixarmos de lado a relação dessas tecnologias com o fazer humano.

Com o caminho teórico desenvolvido neste texto, objetivamos ressaltar que o valor das novas possibilidades tecnológicas reside nas relações de uso e de sentido que o homem atribui e deposita nelas. É nesse intuito que nos ocupamos aqui de entender a noção de sócio-técnica a partir dos imbricamentos entre tecnologia, comunicação e cultura, pois, nesse ângulo, as possibilidades tecnológicas se apresentam como maneiras indispensáveis do fazer social, além de modificar as formas de atuação dos indivíduos e se instalar culturalmente.

Sendo assim, todo esse conjunto de modificações se relaciona entre si de maneira a afetar-se mutuamente e ao ponto de originar uma nova ambiência existencial. A mídia expande suas lógicas de forma a atravessar os demais campos sociais e a organização da sociedade em redes, a sócio-técnica e a cibercultura se estabelecem como elementos recorrentes nos processos sociais.

Referências

- BARICHELLO, E.M.M.R. A construção da visibilidade institucional na mídia. In: SILVEIRA, A. C. M. et al. **Comunicação midiática**. Santa Maria: FACOS – UFSM, 2002.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- CASTELS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis (org). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2004
- FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização, prática social – prática de sentido**. Rede Prosul, paper – CNPQ/Unisinos, 2006.
- LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PERUZZOLO, Adair Caetano. **A comunicação como encontro**. Bauru: Edusc, 2006.
- POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aloísio Ramos. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- TRIVINHO, Eugenio (2007). **Cibercultura e existência em tempo real**. Contribuição para a crítica do modus operandi de reprodução cultural da civilização midiática avançada. *E-Compós*. Brasília:, n.9, ago. 2007.